

GRIÔS DO AMANHÃ: REVISITANDO O PASSADO E CONSTRUINDO O FUTURO

Leandro Neto de Lima ¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar de que maneira os ensinamentos da comunidade Remanescente de Quilombo da Vila Pau D'arco, localizada em Arapiraca - AL, influenciam nas metodologias didático-pedagógicas da Escola de Ensino Fundamental Professor Luiz Alberto de Melo, situada na própria comunidade. Busca-se, ainda, compreender como se constrói a identidade quilombola nesse contexto e quem são os principais agentes responsáveis por mediar e fortalecer essa construção. A justificativa da pesquisa reside na relevância da conservação da oralidade, valorização dos saberes tradicionais e das práticas culturais quilombolas como instrumento de afirmação identitária e promoção de uma educação antirracista, crítica e contextualizada. Adotando uma abordagem qualitativa, o estudo foi desenvolvido por meio de observações de campo, entrevistas com educadores, membros da comunidade e grupos interculturais, além da análise das práticas pedagógicas presentes no cotidiano e currículo escolar. Os resultados evidenciam uma forte articulação entre os saberes ancestrais e as estratégias educativas, apresentando como frutos a criação de projetos como o grupo de percussão Kilombatuque e o grupo de dança Pérolas Negras. Essas iniciativas fortalecem o protagonismo juvenil, promovem a valorização da cultura afro-brasileira e asseguram a continuidade das tradições locais, consolidando a escola como um espaço de resistência, memória e construção coletiva de futuro.

Palavras-chave: Pau D'arco, Educação, Quilombo, Cultura, Griôs.

INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas representam espaços de resistência, memória e continuidade de saberes ancestrais que atravessam gerações, preservando modos de vida, valores e práticas culturais de matriz africana. No contexto educacional, compreender o papel dessas comunidades é fundamental para repensar a escola como lugar de produção de conhecimento, identidade e pertencimento. Assim, investigar a presença dos saberes tradicionais e das práticas culturais quilombolas no ambiente escolar permite reconhecer a potência educativa que emerge das experiências comunitárias e dos processos históricos de luta por reconhecimento e direitos.

Este trabalho tem como objetivo investigar de que maneira os ensinamentos da comunidade remanescente de Quilombo da Vila Pau D'Arco, localizada no município de Arapiraca – Alagoas, influenciam nas metodologias didático pedagógicas da Escola de Ensino Fundamental Professor Luiz Alberto de Melo, situada na própria comunidade.

¹ Graduando do Curso de História da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, leandro.lima.2022@alunos.uneal.edu.br;



Busca-se, ainda, compreender como se constrói a identidade quilombola nesse contexto e quem são os principais agentes responsáveis por mediar e fortalecer essa construção.

A relevância desta pesquisa reside na necessidade de valorizar os saberes tradicionais, a oralidade e as práticas culturais quilombolas como instrumentos de afirmação identitária e de promoção de uma educação antirracista, crítica e contextualizada. Em um país marcado por desigualdades raciais e pela negação histórica das contribuições africanas, refletir sobre o papel das escolas inseridas em comunidades quilombolas é reconhecer a importância da educação como prática social transformadora, capaz de fortalecer o protagonismo local e de garantir o direito à diferença.

A abordagem adotada nesta investigação é de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de observações de campo, entrevistas com educadores e membros da comunidade, além da análise das práticas pedagógicas presentes no cotidiano e no currículo escolar. Essa metodologia possibilita compreender as múltiplas dimensões da experiência educativa em Vila Pau D'Arco, bem como as relações entre tradição, cultura e ensino formal.

Ao longo do artigo, busca-se evidenciar como a articulação entre saberes ancestrais e estratégias educativas resulta em práticas inovadoras, como a criação do grupo de percussão Kilombatuque e do grupo de dança Pérolas Negras, que promovem a valorização da cultura afro-brasileira, o protagonismo juvenil e o fortalecimento da identidade quilombola. Dessa forma, a escola se consolida como um espaço de resistência e construção coletiva de futuro, reafirmando o papel da educação como instrumento de transformação social e cultural.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, voltada à compreensão das relações entre os saberes tradicionais da comunidade quilombola Vila Pau D'Arco e as práticas pedagógicas da Escola de Ensino Fundamental Professor Luiz Alberto de Melo. A escolha por essa abordagem se justifica pela necessidade de compreender a realidade a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, valorizando suas experiências, percepções e interpretações acerca do processo educativo e identitário vivenciado no contexto quilombola.

O estudo foi desenvolvido na comunidade Vila Pau D'Arco, situada no município de Arapiraca, estado de Alagoas. Essa comunidade é reconhecida como remanescente de



quilombo e se caracteriza pela preservação de tradições culturais e modos de vida que refletem a herança africana e a resistência histórica de seus moradores. A escola investigada, localizada dentro da comunidade, desempenha papel central na articulação entre o ensino formal e os saberes locais, tornando-se um espaço privilegiado de análise.

Foram utilizadas como principais técnicas de coleta de dados: a observação de campo, as entrevistas semiestruturadas e a análise documental. As observações permitiram acompanhar o cotidiano escolar, identificando práticas pedagógicas, eventos e projetos que incorporam elementos da cultura quilombola. As entrevistas foram realizadas com professores, gestores escolares, estudantes e lideranças comunitárias, com o intuito de compreender suas percepções sobre o papel da escola na preservação da identidade e na valorização dos saberes tradicionais. Já a análise documental envolveu o exame do projeto político pedagógico (PPP), planos de aula e registros escolares, buscando identificar como as práticas educativas refletem os valores e a memória coletiva da comunidade.

Os dados obtidos foram analisados à luz da análise de conteúdo, que possibilitou a categorização das informações em eixos temáticos, como: educação e identidade quilombola, saberes tradicionais na prática pedagógica e protagonismo cultural juvenil. Essa etapa foi fundamental para compreender as conexões entre a escola e a comunidade, bem como a influência dos conhecimentos ancestrais nas metodologias de ensino adotadas.

A metodologia, portanto, pautou-se no princípio da interlocução entre pesquisa e comunidade, valorizando a escuta sensível, o respeito aos saberes locais e o diálogo intercultural. Essa perspectiva reflete o compromisso ético e político de reconhecer a escola quilombola como um espaço de resistência e produção de conhecimento, onde o ensino ultrapassa os limites da sala de aula e se entrelaça com as vivências e memórias coletivas do povo negro.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação quilombola surge como uma prática educativa comprometida com a valorização da história, da cultura e dos saberes produzidos pelas comunidades negras rurais, compreendendo a escola como espaço de resistência e de construção de identidades. Para Nilma Lino Gomes (2017), a educação quilombola deve ser entendida como um projeto político-pedagógico que rompe com a visão eurocêntrica do



conhecimento e reconhece o protagonismo dos sujeitos negros na produção e transmissão de saberes. Essa perspectiva busca garantir que o ensino dialogue com as experiências locais, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a valorização da ancestralidade.

Ao reconhecer os saberes quilombolas como forma legítima de conhecimento, a escola se abre para uma ecologia de saberes, conceito formulado por Boaventura de Sousa Santos (2007), que defende o diálogo horizontal entre diferentes racionalidades, rompendo com a lógica colonial que hierarquiza o saber científico sobre o saber popular. Essa proposta é essencial para compreender o modo como as práticas pedagógicas da Escola Professor Luiz Alberto de Melo se articulam com os ensinamentos tradicionais da Vila Pau D'Arco, promovendo uma educação que integra corpo, território, oralidade e cultura.

A oralidade, por sua vez, constitui um dos pilares da educação quilombola, pois transmite não apenas informações, mas valores, memórias e modos de viver. Segundo Lélia Gonzalez (1988), a oralidade é um traço fundamental das culturas afro-brasileiras, que expressa resistência e reafirmação identitária frente ao apagamento imposto pela colonização e pelo racismo estrutural. Nesse sentido, o espaço escolar deve reconhecer e valorizar as narrativas orais como fontes de saber e instrumentos pedagógicos potentes para a construção do conhecimento e da identidade negra.

Kabengele Munanga (2004) destaca que o reconhecimento da identidade negra no ambiente escolar é um processo político e cultural, no qual o indivíduo se percebe como parte de uma coletividade que compartilha experiências históricas de luta e resistência. Assim, a educação quilombola não se limita à inserção de conteúdos afro-brasileiros no currículo, mas envolve a reconstrução das práticas pedagógicas a partir da realidade da comunidade, considerando suas dinâmicas, tradições e formas próprias de ensinar e aprender.

Nesse contexto, Paulo Freire (1996) contribui ao enfatizar que a educação deve ser uma prática de liberdade, baseada no diálogo e na valorização dos saberes dos educandos. Sua pedagogia libertadora se aproxima da proposta da educação quilombola ao defender que o ato educativo precisa emergir da vivência concreta das pessoas, reconhecendo-as como sujeitos históricos capazes de transformar a realidade. Ao se apropriar dessa perspectiva, a escola quilombola reafirma sua função social de promover uma aprendizagem crítica e emancipatória.

A consolidação de uma educação antirracista também é uma dimensão central nesse debate. Como pontua Petronilha Gonçalves (2003), a implementação da Lei nº



10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, exige uma reformulação profunda nas práticas escolares, de modo que o reconhecimento da herança africana não se restrinja a datas comemorativas, mas se torne eixo permanente do currículo. Essa legislação, quando aplicada de forma crítica, contribui para a superação do racismo institucional e para o fortalecimento das identidades negras no espaço escolar.

Dessa forma, a escola quilombola torna-se um território educativo que articula memória, cultura e saber, atuando como extensão da comunidade. Em Vila Pau D'Arco, essa articulação se materializa por meio de projetos como o Kilombatuque e o Pérolas Negras, que simbolizam a continuidade das tradições africanas e reafirmam o papel da juventude como guardião da herança ancestral. Tais experiências reforçam que a educação, quando enraizada no território e na história do povo, ultrapassa os limites da sala de aula e se transforma em uma prática de resistência e de afirmação da vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos ao longo da pesquisa revelam uma profunda relação entre os saberes tradicionais da comunidade quilombola Vila Pau D'Arco e as práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola de Ensino Fundamental Professor Luiz Alberto de Melo. Essa integração demonstra que o ambiente escolar ultrapassa o papel de simples transmissor de conteúdos formais, assumindo-se como um espaço de preservação cultural, fortalecimento identitário e resistência frente às tentativas de silenciamento histórico do povo negro.

Durante as observações de campo, foi possível identificar que o cotidiano escolar é permeado por elementos da cultura quilombola, expressos nas atividades artísticas, nos projetos culturais e nas celebrações coletivas. A escola se apropria de práticas como a contação de histórias, a musicalidade, as danças e a culinária tradicional como instrumentos de ensino e de valorização da ancestralidade. Tais estratégias se configuram como uma pedagogia viva, que aproxima os alunos de suas origens e promove uma aprendizagem significativa, baseada no reconhecimento de suas raízes e da importância de sua comunidade.

Entre as principais ações observadas, destacam-se o grupo de percussão Kilombatuque e o grupo de dança Pérolas Negras, ambos idealizados e conduzidos por professores e estudantes da própria comunidade. O Kilombatuque, por meio do ritmo e



do toque dos tambores, resgata a força simbólica dos batuques africanos, fortalecendo a coletividade e o sentimento de pertencimento. Já o grupo Pérolas Negras expressa, por meio da dança, narrativas sobre a história e a beleza do povo negro, promovendo autoestima e empoderamento, especialmente entre os jovens quilombolas. Esses projetos representam não apenas práticas culturais, mas verdadeiras estratégias pedagógicas que contribuem para a consolidação da identidade quilombola e a afirmação da cultura afro-brasileira no espaço escolar.

A presença ativa da comunidade nas atividades da escola também se mostrou fundamental para a construção de um ensino contextualizado e dialógico. As lideranças locais, mestres da cultura e familiares participam de eventos, oficinas e rodas de conversa, compartilhando saberes que atravessam gerações. Esse movimento reflete a concepção de Paulo Freire (1996), para quem a educação deve nascer do diálogo entre educadores e educandos, respeitando o conhecimento popular como parte integrante do processo formativo. Assim, a escola quilombola se estrutura como um espaço que rompe com a hierarquia tradicional entre o saber científico e o saber comunitário, valorizando ambos como complementares.

Outro aspecto relevante observado foi o protagonismo juvenil. Os estudantes da Vila Pau D'Arco não apenas aprendem, mas se tornam agentes de transformação social ao promoverem ações culturais, campanhas educativas e reflexões sobre o racismo e a valorização da negritude. Esse protagonismo se alinha à concepção de Nilma Lino Gomes (2017), que reconhece a juventude negra como força motriz na continuidade das tradições e na construção de novas formas de resistência. Ao se verem representados e valorizados, os jovens passam a compreender o papel da escola não apenas como instituição de ensino, mas como espaço de voz, memória e pertencimento.

Os resultados também evidenciam que o currículo escolar vem sendo constantemente reelaborado para incluir conteúdos que abordam a história da África, das comunidades quilombolas e das contribuições afro-brasileiras, em consonância com a Lei 10.639/2003. Essa inserção não ocorre de maneira pontual, mas transversal, integrando diferentes disciplinas e fortalecendo a proposta de uma educação antirracista. Tal movimento reflete o compromisso da escola com a formação cidadã e com a desconstrução de estereótipos que historicamente marginalizaram a população negra.

Em síntese, a Escola Professor Luiz Alberto de Melo se consolida como um espaço que une tradição e modernidade, ancestralidade e inovação. A partir da articulação entre os saberes da comunidade e as práticas pedagógicas, a escola transforma o ato de educar



em um exercício coletivo de resistência e criação de futuro. Esse processo reafirma que a educação quilombola não é apenas uma modalidade de ensino, mas uma prática política, social e cultural profundamente enraizada na luta por reconhecimento e justiça histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada na comunidade quilombola Vila Pau D'Arco, em Arapiraca – AL, evidenciou que a educação, quando enraizada no território e comprometida com a valorização dos saberes tradicionais, se torna um poderoso instrumento de transformação social e afirmação identitária. A Escola de Ensino Fundamental Professor Luiz Alberto de Melo mostrou-se um exemplo vivo de como o diálogo entre cultura, memória e ensino pode gerar práticas pedagógicas significativas, fortalecendo o protagonismo dos sujeitos e reafirmando a ancestralidade como fonte legítima de conhecimento.

Os resultados apontam que a integração entre os saberes quilombolas e o currículo escolar tem promovido uma aprendizagem contextualizada, crítica e libertadora, em consonância com os princípios defendidos por Paulo Freire. Projetos como o Kilombatuque e o Pérolas Negras não apenas expressam a riqueza cultural da comunidade, mas também se configuram como práticas educativas que estimulam o reconhecimento da identidade negra e a valorização da cultura afrobrasileira. Essas experiências demonstram que a escola, ao reconhecer os saberes locais, amplia seu papel formador e se consolida como um espaço de resistência frente às desigualdades e ao racismo estrutural.

Com base nas contribuições de autores como Nilma Lino Gomes, Lélia Gonzalez, Kabengele Munanga e Boaventura de Sousa Santos, compreende-se que a educação quilombola não deve ser vista como uma adaptação do ensino tradicional, mas como um projeto político-pedagógico próprio, orientado pela ancestralidade, pela oralidade e pelo compromisso com a coletividade. Essa perspectiva rompe com a lógica colonial de exclusão e silenciamento, permitindo que as vozes da comunidade se tornem protagonistas na construção do conhecimento.

Por fim, a experiência da Vila Pau D'Arco reafirma que uma educação antirracista, intercultural e comprometida com a história do povo negro é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e plural. A escola quilombola, ao unir saberes do passado e desafios do presente, torna-se um espaço de futuro em que ensinar e aprender significam também resistir, reexistir e sonhar coletivamente.



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017.

GONÇALVES, Petronilha Beatriz. **A lei 10.639/03 e o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: MEC/SECAD, 2003. p. 141–154.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 225–237.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis: Vozes, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2007.

